

Manuscrito inédito atribuído à Crónica do Mouro Rasis, em Portugal – o ms. LV do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

António Rei*

Nota prévia

Resumo

Fazendo o ponto de situação sobre as Crónicas medievais *Crónica do Mouro Rasis* e *Crónica Geral de Espanha de 1344*, introduz-se a apresentação de um novo manuscrito inédito que pertence ao Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Foi comprado em Madrid por José Leite de Vasconcelos, no ano de 1905. Tinha sido identificado, naquela época, como um testemunho tardio, do século XVII, da *Crónica do Mouro Rasis*. Agora foi possível analisá-lo de forma mais aprofundada e essa análise deu-nos a conclusão de que se trata, afinal, dum testemunho da *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Palavras-chave: Idade Média. *Crónica do Mouro Rasis*. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Manuscrito. José Leite de Vasconcelos.

Résumé

Après une mise au point sur les Chroniques médiévales *Crónica do Mouro Rasis* et *Crónica Geral de Espanha de 1344*, on introduit la présentation d'un nouvel manuscrit inédit qui appartient au Museu Nacional de Arqueologia à Lisbonne. José Leite de Vasconcelos acheta ce manuscrit à Madrid en 1905. Il avait été identifié, à cette époque là, comme un témoin tardif, du XVII^e siècle, de la *Crónica do Mouro Rasis*. Maintenant on a put l'analyser de façon plus approfondie et cette analyse nous a donné la conclusion de qu'il s'agit, à la fin, d'un témoin de la *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Mots-clé: Moyen Âge. *Crónica do Mouro Rasis*. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Manuscrit. José Leite de Vasconcelos.

* Bolseiro da FCT / IEM-UNL

Manuscrito inédito atribuído à Crónica
do Mosteiro Basa, em Portugal - o ms. IV
do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa



Quando o ponto de partida sobre as Crónicas medievais Crónica do Mosteiro Basa e Crónica Geral de Espanha de 1344, introduz-se a apresentação de um novo manuscrito inédito que pertence ao Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Foi comprado em Madrid por José Leite de Vasconcelos, no ano de 1907. Tinha sido identificado, naquela época, como um testemunho tardio, do século XVII, da Crónica do Mosteiro Basa. Agora foi possível analisá-lo de forma mais detalhada e essa análise deu-nos a conclusão de que se trata, afinal, dum testemunho da Crónica Geral de Espanha de 1344.

Palavras-chave: inédito - Crónica do Mosteiro Basa - Crónica Geral de Espanha de 1344 - Manuscrito - José Leite de Vasconcelos

Quis que meo in puncto sur les Chroniques médiévales Crónica do Mosteiro Basa e Crónica Geral de Espanha de 1344, on introduit la présentation d'un nouveau manuscrito inédito qui appartient au Museu Nacional de Arqueologia à Lisboa. José Leite de Vasconcelos acheta ce manuscrito à Madrid en 1907. Il avait été identifié à cette époque là, comme un témoin tardif, du XVII^e siècle, de la Crónica do Mosteiro Basa. Maintenant on a pu l'analyser de façon plus approfondie et cette analyse nous a permis la conclusion de qu'il s'agit, à la fin, d'un témoin de la Crónica Geral de Espanha de 1344.

Mots-clés: inédit - Crónica do Mosteiro Basa - Crónica Geral de Espanha de 1344 - Manuscrito - José Leite de Vasconcelos

1. Nota prévia

Queremos, previamente ao tratamento deste manuscrito inédito, considerado um testemunho da *Crónica do Mouro Rasis*, informar de forma global sobre aquela mesma Crónica, bem como sobre a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, texto herdeiro da anterior.

2. Crónica do Mouro Rasis (CMR)

Na sua origem tratou-se da tradução do árabe para português, de um texto identificado como *Livro de al-Râzî*¹. Essa empresa foi levada cabo por uma equipa de tradutores, dos quais conhecemos os nomes do redactor, Gil Peres, clérigo ao serviço de Pero Anes de Portel (Cintra, vol. I, p. CXLIII); e do principal dos leitores / tradutores, o muçulmano mudéjar Mestre Muhammad, alarife de profissão². Dizemos “do principal”, porque só dele se conhece o nome,

¹ No testemunho português mais antigos da *CMR*, o de André de Resende, encontramos para referir a obra, em latim ‘*librum Rases*’, ‘*liber Rasae*’ (*C1344*, ed. Cintra, p. CDLXVIII-CDLXXIX; *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. 3, n.; Michaëlis, 1920, p. 177-193, p. 182, e em português ‘*liuro*’ (*C1344*, ed. Cintra, p. CDLXVIII; *CMR*, ed. Catalán e Andres, *ibid.*). No ms. castelhano *Ca* encontramos a palavra ‘*libro*’ (*CMR*, Catalán e Andres, p. 10), que também surge no ms. usado por Gayangos, (“*Memoria...*”, p. 34), enquanto nos dois outros testemunhos castelhanos (*Mo* e *Es*) aparece a palavra ‘*coronica*’ (*CMR*, ed. Catalán e Andres, 1975, p. 4). Assim, a tradução original de Gil Peres e Muhammad Alarife, teria no intitulado ‘*Livro*’, e que a designação ‘*Crónica*’ lhe teria sido atribuída, mais tarde, em cópias castelhanas tardias. C. Michaëlis, *op. cit.*, usou profusamente a expressão semelhante: *Livro de Rasis*. A autora preferiu-a claramente à expressão ‘*Crónica do Mouro Rasis*’, pois enquanto usou esta apenas no título do seu trabalho, e no texto apenas duas vezes falou em ‘*Crónica de Rasis*’, pelo contrário, usou a expressão ‘*Livro de Rasis*’ dezassete vezes (!), e só a palavra ‘*Livro*’, mais três vezes. Talvez a tenha adoptado a partir da transcrição do latim de Resende (cf. supra). Também José Leite de Vasconcelos hesitou entre ‘*Livro*, *Geografia* ou *Crónica do Mouro Rasis*’ ao identificar um excerto da parte geográfica da *C1344* que ele incluiu nos seus *Textos Arcaicos*, 5.ª ed., p. 54.

² *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. 3; Gayangos parece ter dúvidas sobre se o Mestre Muhammad terá ou não sido um alarife, pois diz “[...]un moro llamado maestre Mahomat (otros añaden el alarife)[...]”, *ibidem*. O ‘alarife’ era o ‘arquitecto’, cf. José Pedro Machado, 1991.

embora se saiba que outros mouros houve que também leram para Gil Peres (Gayangos, 1852, p.34; Catalán; Andres, p. XIII).

Esta empresa da qual não se conhece com exactidão a data, terá eventualmente sido terminada em 1312³, mas seguramente antes de 1315, pois antes desta última data faleceu Pero Anes, o último senhor da Casa de Aboim / Portel (Cintra, vol. I, p. CXLIII; Catalán e Andres, p. XIII), já que foi no âmbito desta família que se deu a tradução em causa⁴.

Tendo-se perdido a versão original portuguesa, da qual a última cópia conhecida terá desaparecido em 1755, durante o Terramoto⁵, apenas subsistiram da *CMR* algumas versões castelhanas, as mais antigas das quais são do século XV⁶. Em língua portuguesa, e até ao presente momento, conhecem-se apenas as partes integrantes da *C1344*, tanto as editadas por Lindley Cintra (ms. *D*)⁷, como as do ms. de Paris (ms. *P*), este último parcialmente publicado por António Nunes de Carvalho, em 1863⁸; e ainda alguns excertos utilizados por André de Resende, no século XVI⁹.

A *CMR*, obra dividida em três partes (v. infra 6. Análise Textual de LV), acabou integrando a *C1344* embora essas mesmas partes já com alterações e interpolações mais ou menos significativas (Cintra, p. XXXIII e XXXVII-XXXVIII). A Descrição Geográfica é considerada a parte menos alterada do texto, e portanto a que está mais próxima da sua matriz árabe¹⁰.

A *CMR*, que foi reabilitada por Gayangos, deve a este a sua primeira edição¹¹. Essa edição foi longeva, pois só depois da edição de 1975 é que se pode

³ O Conde da Ericeira, quando fez a apresentação do códice n.º 146, da livreria dos Condes do Vimieiro (o que pertencera antes a Resende e a Severim de Faria), na *Academia da História Portuguesa*, em 1724, atribuiu à tradução portuguesa a data de 1312 (cf. Michaëlis, 1920, p.186).

⁴ Sobre os Aboim/Portel, e a sua importância em todo este processo, v. a nossa Dissertação de Mestrado "Memória de Espaços e Espaços de Memória - de al-Râzi a D. Pedro de Barcelos", FCSH-UNL, 2001, policop., especialmente o Cap. 4. "A tradição textual raziana na historiografia cristã portuguesa", e o Anexo I "Os Aboim/Portel e o sul português na *CMR* original".

⁵ Sobre o percurso da *CMR* portuguesa, v. C. Michaëlis, 1920, p.186-7; *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. CCCXXXI-CCCXXXII; *CMR*, ed. de Catalán e Andres, p. XII-XIII.

⁶ São estes testemunhos castelhanos da *CMR*, *Ca*, *Es* e *Mo*, que Diego Catalán e Maria Soledad de Andres usaram como base da sua edição, por os considerarem os mais genuínos e menos alterados (*CMR*, ed. Catalán e Andres, p.XIII-XVII); embora haja também outros mss. mais tardios (*Idem*, p.XVII, n. 27). Na origem daqueles mais antigos mss. terá estado a tradução de Pedro del Corral, que a usou para a sua *Crónica Sarracina* (*Idem*, p.XIII).

⁷ Sobre as partes da *CMR* que passaram para a *C1344*, tanto na primeira versão como na versão refundida, v. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, 1.ª redacção, p. XXXI-XXXVI; 2.ª redacção, p. XXXVI-XXXVIII.

⁸ Sobre o ms. *P* e a sua edição incompleta em meados do século XIX, v. infra *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

⁹ Estes excertos de Resende foram publicados por Lindley Cintra, *C1344*, vol. I, Apêndices, p CDLXVII-CDLXXII; e por Catalán e Andres, *CMR*, *passim*, acompanhando as passagens similares dos três testemunhos castelhanos.

¹⁰ Sobre as questões relativas à descrição espacial da Península Ibérica, v. a nossa Dissertação de Mestrado "Memória de Espaços e Espaços de Memória - de al-Râzi a D. Pedro de Barcelos", FCSH-UNL, 2002, policop., principalmente 1.3. "A Descrição Geográfica de al-Râzi".

¹¹ Diz-nos Gayangos ("Memoria...", p. 30) que usou para o seu estudo e edição "dos copias al parecer fieles y exactas", uma das quais que teria sido feita a partir de *Ca*, mas que ele não confrontou com o original de *Ca*. Na realidade terá usado sem um texto tardio, onde a parte da História

considerar que terminou a sua vigência. Diego Catalán e Maria Soledad de Andres ao editarem criticamente a *CMR* em forma pluritextual, com base em três dos vários testemunhos manuscritos castelhanos, os mss. *Ca*, *Es* e *Mo*, considerados mais antigos e fidedignos (Catalán e Andres, 1975, p. XI-CX), vieram dar descanso à edição de Gayangos.

3. Crónica Geral de Espanha de 1344 (C1344)

A *C1344*, obra portuguesa marcada pelo modelo cronístico alfonsino, na metodologia, que não nos conteúdos¹², foi composta por D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, em 1344. Mais tarde, cerca de 1400, a *C1344* foi refundida¹³. Ambas as versões, a original e a refundida, foram traduzidas para castelhano.

A *C1344* foi composta a partir de um conjunto de fontes, que variaram, entre a versão original e a versão refundida. No entanto, com algumas diferenças, as componentes da *CMR* continuaram fazendo parte do texto da *C1344*, em ambas as versões referidas¹⁴. A proximidade familiar que existiu entre o patrocinador da tradução da *CMR*, Pero Eanes de Portel, e o compilador da *C1344*, o Conde D. Pedro, que foram, respectivamente, sogro e genro, terá feito com que a *CMR* não fosse algo desconhecido para o Conde de Barcelos, bem antes pelo contrário. A parte textualmente menos alterada continuou sendo a da Descrição Geográfica.

Da versão portuguesa original de 1344 não ficou nenhum manuscrito¹⁵. Lindley Cintra assentou a sua reconstituição sobre um testemunho 'restaurado' da refundição de 1400, o ms. *L*. Além deste existe um outro testemunho português, também do século XV, embora posterior, o ms. *P*¹⁶. São ambos exemplares de uma família de textos, a que há que acrescentar os mss. tardios do século XVII,

Islâmica foi completada a partir da *C1344* (>ms. *E*), pois essa parte, em Gayangos, é idêntica à que surge no ms. *Cop* (séc. XVII; e em Apêndice na ed. de Catalán e Andres, p. 285-376) e também nos testemunhos da *C1344*, embora falte nos mss. editados por Catalán e Andres. (cf. Catalán e Andres, *CMR*, p. XVII).

¹² Cf. a nossa Dissertação de Mestrado "Memória de Espaços e Espaços de Memória – de al-Râzi a D. Pedro de Barcelos", FCSH-UNL, 2002, policop., Cap. 4 "O texto atribuído a RZ, na historiografia romance (1265-1344) – significado histórico-cultural numa tradição textual". Sobre o tema em geral, os antecedentes e influências da cronística alfonsina na *C1344*, v. Diego Catalán, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, principalmente o último estudo intitulado "Don Pedro de Barcelos y la entrada de la historiografía alfonsí en Portugal", p. 289-411.

¹³ Para as datações da primeira e da segunda versões, v. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. XXXIX-XL.

¹⁴ Os dois conjuntos de fontes usadas nas duas versões de 1344 e 1400, vêm na *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. XXXI-XXXVIII.

¹⁵ Sobre todos os mss. da *C1344*, suas características textuais e formais, famílias textuais, e relações entre eles, v. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, 'Introdução – Segunda Parte', p. CDLXXXIX – DXL.

¹⁶ Versão portuguesa elaborada entre 1457 e 1463, da responsabilidade do Condestável D. Pedro, rei de Aragão. António Nunes de Carvalho, emigrado liberal em França, veio mais tarde a editar uma cópia, que fizera em Paris; do ms. *P*. A publicação, suspensa em 1863, só chegou até ao cap. CCII (Cf. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. XLI-XLII e DII-DXVIII; ed. A. N. de Carvalho, p. DXVII-DXVIII). Sobre o Condestável D. Pedro e a sua relação com a *C1344*, v. também José de Bragança, "A «Crónica Geral de Espanha» da Biblioteca de Paris é uma recopilação, em parte original, do condestável D. Pedro", *Diário de Notícias*, 1935/ 02 / 20, p.1 e 7.

Li e *Ev*¹⁷, com características próprias que os afastam dos testemunhos castelhanos, tanto os da versão de 1344, como os de 1400¹⁸.

Os mss. das duas versões castelhanas – de 1344, existem os *M* e *E*; e de R1400, há os testemunhos *U*, *Q*, e *V* –, depois de muito estudados por Ramón Menendez Pidal, que chegou a iniciar os trabalhos para a edição¹⁹, acabaram finalmente sendo editados por Diego Catalán e por Maria Soledad de Andres, em 1971²⁰. A edição assentou essencialmente em dois mss.: um testemunho (*M*) da versão de 1344, e outro (*U*) da R1400. Criticamente, foram usados, em notas, todos os demais testemunhos então conhecidos, da *C1344*, mas, também, quando tal se impunha, testemunhos da *CMR*.

Depois de descrita genericamente a situação de ambas as Crónicas, bem como dos respectivos mss. conhecidos, vamos abordar o ms. inédito adquirido por Leite de Vasconcelos.

4. O ms. e José Leite de Vasconcelos

Durante a investigação heurística preparatória à nossa Dissertação de Mestrado, deparou-se-nos, agradável e surpreendentemente, a referência a um manuscrito (ms.) praticamente desconhecido, e entendido como testemunho da *CMR*, existente em Portugal²¹.

Trata-se de um ms. castelhano, que José Leite de Vasconcelos adquiriu em Madrid, num alfarrabista, em 1905²².

Leite de Vasconcelos deixou-nos informação do local onde o adquiriu. No verso do 2.º fólio de guarda do códice colou um pedaço do catálogo da livraria alfarrabista onde o ms. se encontrava. Nesse retalho de papel há uma descrição

¹⁷ As duas cópias portuguesas tardias, do séc.XVII, são os mss. *Ev* (> BPADE, CV/2-23. Cf. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. DXXI; Isabel Vilares Cepeda, *Bibliografía da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*, Lisboa, IBNL, 1995, p. 85) e *Li* (> BNL, Cod.8650. Cf. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. DXVIII-DXXI; e Isabel V. Cepeda, *ibidem*), ambas derivadas de *P*.

¹⁸ Sobre a os mss. portugueses e os mss. castelhanos da *R1400*, relações entre eles, e árvore genealógica dos testemunhos, v. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, pp. LXXXVII e DXXV-DXL. Também Diego Catalán diz ser “[...]la versión portuguesa conservada por *Z [ms. matriz dos mss. portugueses], heredera directa de la originaria traducción de Rasis al portugués hecha por Gil Pérez[...]”, cf. *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, p. 296-297.

¹⁹ Desde 1921 que Ramón Menendez Pidal pensava na edição da *C1344* (cf. *C1344*, ed. Cintra, vol. I, p. XXIV). Por motivos vários os trabalhos iam-se arrastando, e em 1935, no Centro de Estudos Históricos, preparava a edição dos testemunhos castelhanos da *C1344*, com a colaboração de Miguel Bordonau e de Eudóxio Varón Vallejo (*Idem*, p. XLV), que afinal acabou mesmo por não conseguir editar.

²⁰ Diego Catalán e Maria Soledad de Andres, *I Edición Crítica del texto español de la Crónica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos, 1971 (= *C1344e*, ed. Catalán e Andres).

²¹ Encontrámos a referência a este ms. na obra *Textos Arcaicos*, de Leite de Vasconcelos. Cf. IDEM, 5ª.ed. [facsim. da ed. 3ª.ed.,1922], Lisboa, Clássica Editora, 1970, p.54, n.1. Na edição dos testemunhos castelhanos da *CMR*, Diego Catalán refere-se a este ms. a partir da mesma obra de Leite de Vasconcelos, mas da sua 2ª.ed, de 1908, p.44, n.1; cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XVII, n.27.

²² É o próprio Leite de Vasconcelos que no-lo diz, cf. *op.cit.*, p.54, n.1, e D. Catalán repete cf. *CMR*, p. XVII, n. 27.

do exemplar a partir da titulação do mesmo, a que acrescentaram “*Ms. en 4.º, pergamino, letra del siglo XVII, 10 pts.* [preço do exemplar]”. Leite de Vasconcelos acrescentou ainda a lápis: “*Libreria de la viuda de Rico*²³ / *Travesia del Arenal, 1, Madrid / onde comprei este ms. em 1905. Leite*”

Depositou-o na biblioteca do então Museu Etnológico Português (*ibidem*), em Lisboa, e veio a utilizá-lo em alguns dos seus estudos²⁴.

O ms. em questão, após o falecimento de Leite de Vasconcelos, em 1941, terá acabado por ir ficando esquecido entre os vários manuscritos daquele arquivo, já que o mesmo é, sobretudo, procurado por um público quase exclusivamente constituído por arqueólogos. Mas foi, em boa hora, reencontrado, e pode agora voltar ao contacto do meio científico interessado no período islâmico.

5. Descrição do ms. LV

Identificaremos o ms. pela sigla ‘LV’, em homenagem ao grande investigador que o adquiriu e legou ao Museu e que ainda tem o seu nome.

Ms. LV

Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa

Legado de Leite de Vasconcelos, n.º de registo 13.807.

Papel *in 4.º*, encadernado em pergaminho. Na lombada da encadernação tem, escrito à mão, ‘*Descripcion d’España*’. A capa e a contracapa da encadernação estão em branco. Tem 73 fls. de 152×208 mm; 69 fls. escritos e 4 em branco, 2 no início e 2 no fim (fls. de guarda). A mancha de texto é única, de 105×172 mm. Letra do século XVII, sem epígrafes e sem letras capitais. O texto é corrido, e em língua castelhana antiga, mais antiga do que a data do ms.. A letra será de um único redactor, pois é idêntica ao longo de todo o texto.

No fl.1 tem o título: “*Discripcion de España conla entrada / enella delos Romanos y Godos y Mo / ros, Escripta en Arauigo por Rassis Mo / ro que escrivió elaño de christo 9)2*²⁵ / *traducido de Arauigo enPortugues por / Gil Perez Cle-*

²³ Esta ‘viuda de Rico’ seria a viúva de M. Rico Sinobas, estudioso e editor de obras traduzidas do árabe a mando de Afonso X, como os *Libros del Saber de Astronomía del Rey D. Alfonso X de Castilla*, editada por Rico Sinobas em Madrid, entre 1863 e 1867 (v. J.M. Millás Vallicrosa, “El Literarismo de los Traductores de la Corte de Alfonso el Sábio”, *AA I* (1933), p. 155, n.4). Talvez o ms. LV tivesse sido propriedade daquele erudito espanhol.

²⁴ O códice está anotado por Leite de Vasconcelos. Nos fólhos de guarda do final do códice há uma anotação a lápis do punho do grande erudito e investigador, que nos diz “Santarém, fl.33”. Ele terá confrontado a notícia de Santarém da *CI344* (a que chama ‘História Geral’) que ele apresenta nos *Textos Arcaicos* (cf. *idem*, p.58), com a notícia deste ms., daí essa anotação.

²⁵ Caso de datação duvidosa que também se encontra no ms. *Cop*, do séc. XVII (cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XIX. Mas enquanto neste último surge ‘9)9’, que D. Catalán em nota sugere como ‘919?’ ou ‘979?’ (*Idem*, p. XIX, n.39 e p. 3, n.1), em LV temos ‘9)2’. A colocarmos também a hipótese de que ‘)’ se possa ler como ‘5’, teríamos em *Cop* ‘959’ e em LV ‘952’. Esta última data seria mais consentânea com a vida de RZ, falecido em 955 (cf. *supra* Parte I, 3.1.1. RZ). No entanto, cremos que estas datas são interpolações castelhanas, surgidas durante as tentativas de ‘restauro’ da *CMR*, levadas a cabo no século XVII. Apenas os mss. *Cop* (< *CMR*) e *LV* (< *CI344*) apresentam estas datações dúbias, não apenas na forma gráfica, mas também por não haverem quaisquer datações nos mss. antigos da *CMR* (*Ca*, *Es* e *Mo*), nem em André de Resende (cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p.3).

rito. por mandado de Don / Deonis Rey de Portugal y despues / de Portugues en Castellano por dos tra / duciones”²⁶.

Numa parte introdutória diz-nos: ‘*Falta poco del Principio enel original del Colegio de Santa Catalina de Toledo[...] Esta Historia del Moro Rassy tiene Ambrosio de Morales en vn original barto antiguo escripto en pergamino [...]*’ (fl.1v); “[...] e decimos loque dice el Altabucar a Mafomet fijo de Mafomad fijo de Mossarase el Escriua/no natural de España que escrivio [...]’ (fl.2).

Começa depois a descrição propriamente dita:

- Descreve globalmente a Espanha triangular (fls.2v-3) e a Espanha dupla, em função dos ventos dominantes e dos cursos dos rios (fls.3v-4); descreve Córdova (fls.4-5); descreve os termos entre Cabra e Huesca (fls.5-11v); e depois os termos de Rayya e Ecija (fl.12-12v); descreve as serras e os rios (fls. 12v-14v); começa a História Pré-Islâmica (14v-15v); neste ponto surge, integrada no texto, a nota “*aqui faltam fojas*” (fl.15v)²⁷; surge depois o episódio do Rei Rodrigo (fls. 15v-23v); retoma a descrição geográfica com os termos entre Huesca e Morón (fls.24-34v); começa a História Islâmica (fls.34v-35); retoma a descrição geográfica com os termos de Xerez e Algeciras (fl.35v); retoma a História islâmica (fls.36-69).

Termina o ms. dizendo “*Hasta aqui auia em el original de Rassis que tenia Ambrosio de Morales*” (fl.69).

6. Análise textual de LV

Comparemos esta ordenação com a que se encontra genericamente, em todos os testemunhos, da *CMR*:

- Descrição geográfica (a Espanha triangular e dupla; Córdova e restantes termos, de Cabra a Ecija, sem interrupção; Serras e Rios) História Pré-Islâmica; e História Islâmica.

Portanto podemos concluir que o ms. que serviu de matriz ao *LV*, além de ter falta de fólhos, já referida pelo próprio copista, tinha ainda a ordem dos fólhos muito alterada, pois encontramos que os vários apartados, na totalidade dos outros testemunhos conhecidos, estanques e sucedendo-se na ordem referida no parágrafo anterior, aqui se interpenetrando em vários blocos, sendo o apartado geográfico o mais desarticulado, pois surge em quatro partes. Mesmo a parte de Rayya e de Ecija e depois a das serras e dos rios, que deveria ser a última, aqui vem no meio da mesma parte geográfica.

O texto matriz do *LV* era um texto que copiou o texto de Morales (ms. *E*)²⁸, e o cotejou com o ms. *Ca* de Toledo, testemunho castelhano da *CMR*. Isto

²⁶ O título de *LV* é, em linhas gerais, semelhante ao de *Cop*, embora este último mais extenso (cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p.XIX-XX).

²⁷ Esta nota, que é marginal em *E* (cf. *CI344*, ed. Cintra, vol. I, p. CCCXXXIV), aparece em *LV* já integrada no próprio texto.

²⁸ Sobre este ms. *E*, de Ambrosio de Morales, v.infra o texto.

porque no texto surgem várias anotações que remetem para *Ca*. Mas essas notas não identificam quaisquer lições de *Ca* com vista a uma possível 'reconstituição' do texto matriz de *LV*, limitam-se apenas a referir diferenças de organização textual de *Ca* em relação a *E*²⁹.

Tendo sido considerado como mais um testemunho tardio da *CMR*, do século XVII, como alguns outros que Diego Catalán referiu na edição pluritextual da *CMR*³⁰, e entre os quais também fala de *LV*³¹, este texto difere desses outros mss. do século XVII, por não se tratar dum texto compósito, como são aqueles testemunhos tardios da *CMR*³².

7. Conclusões

O ms. *LV* trata-se portanto uma cópia do ms. *E*, que foi de Ambrosio de Morales, no século XVI. Até há meio século atrás, o ms. *E* era tido como uma cópia da *CMR*, mas Lindley Cintra provou que aquele ms. se trata afinal de um excerto da *C1344*, na sua versão original de 1344³³. O ms. *LV* é assim o único testemunho, tardio é certo, em Portugal, que não em português, da *C1344* na sua versão original.

E caso o ms. matriz do *LV* não tenha sido 'retocado' a partir do ms. *Ca*³⁴, então teremos no ms. *LV* o único testemunho daquela versão da *C1344*, em que surge o topónimo 'Luca' (< 'Luk-Lukk'), na notícia de 'Chão das Bolotas'³⁵.

O texto matriz de *LV*, por ter sofrido várias alterações da ordem dos fólios, diz-nos ainda que os mesmos fólios não estavam numerados, pois, caso o estivessem, a ordem primitiva dos mesmos poderia ter sido recuperada.

²⁹ No fl. lv, diz: "*Falta poco del Principio enel original del Colegio de Santa Catalina de Toledo* [ou seja o ms. *Ca* - cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, passim]; no fl. 33v, encontramos duas outras anotações que dizem respectivamente: "*aquí en medio entra Coimbra y Exitania que esta en el otro original de Toledo*" e "*Aquí entran Sevilla y Carmona que estan en el otro original de Toledo*". Todas assinalam as diferenças textuais, mas não as copiam de *Ca*.

³⁰ Além do ms. *Cop*, editado em Apêndice na *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XIX-XXV e 285-376, são ainda conhecidos como representantes deste 'hibridismo' textual: o ms. que Gayangos editou na sua *Memória*...; os mss. : n.ºs 1376 e 1171, da Biblioteca Nacional de Madrid; e o n.º 136 (*Catalogue de Morel Fatio*), *anc.fonds*. N.º 99775, Bibliothèque National de Paris (cf. *CMR*, p. XVII e n.27).

³¹ Diego Catalán apenas cita o ms. *LV* indirectamente, a partir das referências de Leite de Vasconcelos, nos *Textos Arcaicos*, não tendo tido contacto directo com o ms. (Cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XVII, n. 27), pois caso contrário ter-se-ia dado conta das suas especificidades.

³² Os mss. referidos supra na n.12 são 'reconstruções' eruditas elaboradas, no século XVII, a partir do mss. *Ca* e *E*. Cf. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XVII.

³³ Sobre o ms. *E* da *C1344*, v. *CMR*, ed. Catalán e Andres, p. XVII-XIX; e *C1344*, ed. Cintra, p. CCCXXXII-CCCXXXV.

³⁴ Cf. a nossa Dissertação, Anexo II "Diferentes cópias da *CMR original*", onde analisámos problemáticas relativas ao topónimo 'Luk-Lukk / Luca-Bued'.

³⁵ Na ed. castelhana da *C1344*, são editados dois testemunhos da mesma, um de 1344 e outro de 1400. Os restantes testemunhos surgem no aparato crítico. O texto editado de 1344 é o *M*, surgindo *E* em notas. *M* é lacunar quanto ao topónimo, e o mesmo se passará com *E*, pois na nota respectiva apenas surgem as lições castelhana de *Ca* e uma outra lição de um autor árabe, Yâqût (geógrafo do século VII/XIII) (cf. *C1344e*, ed. Catalán e Andres, p.61). 'Chão de Bolotas' era a designação dada à zona meridional da actual Castilla-La Mancha, em Espanha. O topónimo 'Luca', situado algures naquela região, não conhecemos que tenha sido identificado até ao presente.

Quanto ao copista de *LV*, sabemos que ele não conhecia os mss. que refere no texto, *E* e *Ca*, pois se os conhecesse dar-se-ia conta que o texto que estava copiando não seguia a ordem textual dos outros dois.

O ms. *LV* trata-se de um espécime *sui generis* pelas suas particularidades textuais. Terá sido, este ms., uma possível peça articular em todo o esforço que se desenvolveu na Espanha do século XVII, e que buscou restaurar a *CMR*, a partir do ms. *Ca* da *CMR* e do ms. *E*, que hoje sabemos ser da *C1344*, mas que então era entendido também como testemunho da *CMR*, e com a vantagem este último de ser mais completo principalmente na parte historiográfica. Chamamos-lhe 'peça articular', pelas grandes semelhanças nas partes introdutórias de *LV* e de *Cop*, como vimos antes, e enquanto *LV* apenas copia, problemáticamente, *E*, *Cop* já é um texto híbrido, composto a partir de *Ca* e de *E*.

É *LV*, portanto, um ms. a clamar, num futuro que se deseja próximo, por uma edição crítica.

Agradecimentos

Queremos aqui expressar os nossos agradecimento, à Dr.^a Livia Cristina Coito, bibliotecária do MNA, com quem contactámos desde o início, e que localizou o ms. em causa; à Dr.^a Ana Ávila de Melo, coordenadora editorial do *Arqueólogo Português*, que se interessou pela nossa investigação e nos solicitou uma apresentação do ms. inédito a ser publicada nesta Revista; e, por último, ao Dr. Luís Raposo, Director do MNA, pela autorização que nos concedeu para a consulta deste valioso e interessante espécime da Biblioteca do Museu à sua guarda.

Referências

Fontes Manuscritas

Ms. *Ev* – Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (BPADE), CV/2-23.

Ms. *Li* – Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL, Cod. 8650).

Ms. *LV* – Museu Nacional de Arqueologia do Dr. Leite de Vasconcelos. Legado de Leite de Vasconcelos (MNA), n.º reg. 13 807.

Fontes Impressas

CARVALHO, A. N. (1863) - *História Geral de Espanha*. Coimbra: Imp. Literária.

CINTRA, L. F. L., ed. (1951-1961) - *Crónica Geral de Espanha de 1344*. III vols., Academia Portuguesa de História.

CATALÁN, D.; ANDRES M. S. ed., (1971) - *I Edición Crítica del texto español de la Crónica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*

CATALÁN, D.; ANDRES M. S. ed., (1975) - *Crónica del Moro Rasis*. Madrid: Gredos.

O Arqueólogo Português, Série IV, 19, 2001, p. 235-246

Bibliografia

- BRAGANÇA, J. (1935) - A «Crónica Geral de Espanha» da Biblioteca de Paris é uma recopilação, em parte original, do condestável D. Pedro. *Diário de Notícias*. (2 Fev. 1935) 7.
- MENENDEZ PIDAL, D. CATALÁN (1962) - *De Alfonso X al Conde de Barcelos*. Madrid: Gredos.
- CEPEDA, I. V. (1995) - *Bibliografia da Prosa Medieval em Língua Portuguesa*. Lisboa: IBNL.
- GAYANGOS, P. (1852) - Memoria sobre la autenticidad de la Crónica llamada del Moro Rasis. *Anales de la Real Academia de la Historia*. VIII, p.1-100.
- MILLÁS VALLICROSA, J. M. (1933) - El Literalismo de los Traductores de la Corte de Alfonso el Sábio. *AAI*, p. 155-187.
- REI, A. (2002) - *Memória de Espaços e Espaços de Memória - de al-Râzî a D. Pedro de Barcelos*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Dissertação de Mestrado.
- VASCONCELOS, José Leite de (1970⁵) - *Textos Arcaicos*. Lisboa: Clássica Editora.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis, (1920) - "André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis". *O Archeologo Português*. Lisboa. XXIV, p. 177-193.

RESUMO

O espaço em questão é proveniente de Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda. Trata-se de um achado fortuito, complementado com uma posterior intervenção arqueológica efectuada na Tapada da Praça, Rua Dr. Garcia de Andrade, Escarigo. O material cerâmico data do séc. XV/XVI.

Palavras-chave: Idade Média, Idade Moderna, Cerâmica comum, «Passador em T», Figueira de Castelo Rodrigo.

Résumé

Le matériel recueilli provient de Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda. Il s'agit d'une découverte fortuite, qui fut complétée par une fouille archéologique effectuée à Tapada da Praça, Rue Dr. Garcia de Andrade, Escarigo. Le matériel céramique est daté du siècle XV/XVI.

Mots-clés: Moyen Âge, Céramique commune, Figueira de Castelo Rodrigo (Portugal).

